

QUESTÕES AMBIENTAIS NO DISCURSO POÉTICO *PREGÃO TURÍSTICO DO RECIFE* DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO: ECOCRÍTICA, ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA

Juarez Nogueira Lins¹

Resumo: Diante da necessidade crescente de discutir a temática ambiental, nas mais diferentes áreas do conhecimento, este estudo objetivou analisar o poema *Pregão Turístico do Recife*, sob a perspectiva dos estudos ecocríticos – área recente que explora os modos como imaginamos e retratamos a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, em todas as áreas de produção cultural (GARRARD, 2006). E ainda, articulando-os à análise do discurso (AD Francesa). E utilizou-se como referencial teórico Garrard (2006) que introduz os estudos ecocríticos – a relação entre ser humano e meio ambiente; Pêcheux (1997, 2006) que traz alguns postulados da AD; Cândido (2010) que destaca a relação entre a literatura e o social; Morin (2007) e o pensamento complexo, entre outros. Do ponto de vista metodológico, optou-se pela pesquisa *aplicada* de abordagem, *qualitativa*. E em relação aos procedimentos técnicos, *bibliográfica* e *interpretativista*, utilizando como corpus o poema *Pregão Turístico do Recife*, de João Cabral de Melo Neto. Este poema, ao descrever a relação entre o urbano (cidade), a natureza (o Capibaribe) e o humano (homens- caranguejos) apresentou aos sujeitos-leitores, alguns elementos novos, para pensar a relação entre o homem e o meio-ambiente, nas grandes cidades. Elementos fundamentais para a formação de sujeitos conscientes, que compreendam o valor da participação na mudança e a necessidade de reconstrução de posturas ambientais.

Palavras-chave: Literatura. Meio ambiente. Discurso poético.

1 INTRODUÇÃO

Dentre tantas crises, pelas quais passa a humanidade, a questão ambiental vem despertando o interesse crescente, nas últimas décadas. A precarização constante da natureza atingiu níveis alarmantes, exigindo assim, da sociedade, conscientização, mobilização, busca de alternativas, para não comprometer, de forma irreversível, o futuro das próximas gerações. Nesse viés, diferentes campos do conhecimento, preocupam-se, discutem a questão ambiental e, a Literatura, linguagem significativa e reflexiva, é uma destas promissoras áreas. Para Morin (2007, p.45), pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível. E nessa perspectiva, o literário consegue deslocar os sentidos, levando-o a tornar-se outro (PÊCHEUX, 2006), ou outros, possíveis. Enfim, “O

¹ Professor da Universidade Estadual da Paraíba. Doutor em Estudos da Linguagem e Mestre em Teoria da Literatura. Email: junolins@yahoo.com.br
Rile – Revista Interdisciplinar

discurso literário, ao trazer elementos indizíveis, para a realidade, oportuniza aos sujeitos leitores, novas reflexões e posturas e, uma possível mobilização social (CÂNDIDO, 2010), para buscar novos e criativos caminhos para minimizar a crise ambiental.”

A partir dessas reflexões, objetivou-se analisar o poema *Pregão Turístico do Recife*, sob a perspectiva dos estudos ecocríticos, articulados à Literatura e à Análise de Discurso (AD Francesa), observando como se efetiva a relação entre literatura e meio ambiente, nesse poema. Utilizou-se como referencial teórico: os estudos da Ecocrítica de Garrard (2006) que introduzem reflexões sobre a relação entre ser humano e meio ambiente. Na obra *Ecocrítica* o autor apresenta o conceito de ecocrítica e discussões sobre as interações entre sujeito e ambiente, em busca por uma nova abordagem, para minimizar os choques entre a cultura e a natureza; os estudos da AD, principalmente de Pêcheux (2000) que traz alguns pressupostos: para o autor, a língua é materialidade do discurso (seja literário, políticos, midiáticos...), isto é, o “efeito de sentidos entre interlocutores” e que se concretiza, deixa registro, na língua, em suas diferentes manifestações; no tocante aos estudos literários afirma Barthes (2004): “O saber que a literatura mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa [...]” (p.19). Seguindo o mesmo raciocínio Cândido (2000) vê a literatura como “um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...]” (p.83).

Os autores enfatizam o poder transformador da literatura, o poder da representação da ficção como fonte inesgotável de conhecimentos e de produção de sentidos, estimulados previamente pelas formações discursivas de cada leitor, ao entrar em contato com o texto literário, com a vida e com a história. Outras contribuições se fizeram presentes: Morin (2007) e o pensamento complexo; Capra (2008) e o poder da arte enquanto um instrumento relevante para ensinar o pensamento sistêmico; Carvalho (2012) que traz um estudo sobre a formação de sujeitos capazes de compreender e agir sobre o mundo. Para ela, a tomada de consciência do problema ambiental se articula com a crescente visibilidade dos movimentos ecologistas, de um novo jeito de ser, de um novo estilo de vida, de uma nova forma de pensar o mundo. Principalmente, pensar em si e nas relações com o outro (CARVALHO, 2012). E, finalmente, do ponto de vista metodológico, optou-se pela pesquisa *aplicada* de abordagem, *qualitativa*. E em relação aos procedimentos técnicos, *bibliográfica* e *interpretativista* (GIL, 1994),

utilizando como corpus o poema *Pregão Turístico do Recife*, de João Cabral de Melo Neto, a materialidade discursiva.

2 JCMN E *PREGÃO TURÍSTICO DO RECIFE*: O URBANO, A NATUREZA E O HOMEM

“Aquele rio/era como um cão sem plumas/Nada sabia da chuva azul, [...]” (MELO NETO, 1999, p.105).

Os três elementos da natureza, o rio e cão sem plumas, aludidos por Cabral, no excerto poético acima, nos remete à questão ambiental e à necessidade de confluência de saberes, de diferentes áreas, o entrelaçamento entre a linguagem poética, a ecocrítica, o discurso (AD) para desvelar as inúmeras questões sociais que afligem o planeta, dentre elas, as ambientais. Os discursos literários – arquivos poéticos sobre o social – evidenciam as ideias, os anseios, os temores, as expectativas de um tempo e de grupo social. Esses discursos têm, portanto, um caráter sócio-histórico e produzem sentidos sobre os ideais e as concepções de mundo de sujeitos-poéticos, João Cabral de Melo Neto (JCMN), inscrito no espaço sócio-histórico recifense.

Esse sujeito poético era netos de donos de engenho. Nasceu em 1920, viveu a infância entre os canaviais, cantadores, repentistas e cordéis. A família se mudou para Recife quando João tinha 10 anos de idade. Em 1942, muda-se definitivamente para o Rio de Janeiro. Em 1943 é nomeado para o departamento de Administração do Serviço Público DASP, “a partir daí não voltaria mais a residir no Recife” (VASCONCELOS, 2009, p. 199). Ingressou no Itamarati em 1945, mesmo ano da publicação de *O Engenheiro*. E desde então o mundo seria sua morada. João Cabral viveu em vários países europeus, atuando como cônsul, dentre os quais a Espanha, que adotou como segunda pátria e onde residiu por 12 anos. Durante o governo de Vargas foi colocado em “disponibilidade inativa”. Fixou-se em Recife, mas constantemente, viajava pelo interior do Estado, seguindo curso do Rio Capibaribe (VASCONCELOS, 2009). Constituído por uma formação discursiva diplomática, geográfica e literária ele percorreu o itinerário do Rio Capibaribe.

E desse percurso geográfico/social, do agreste até a cidade do Recife, resultou o longo poema “O Rio” em 1954. Em 1956 publicou o poema dramático *Morte e Vida Severina*,

levado ao palco pelo Teatro da Universidade Católica (TUCA) em 1966. Com esta obra, obteve o reconhecimento nacional de sua produção poética. Nos últimos anos de sua vida, se encontrava quase cego, fato que o impedia de ler e escrever. Além disso, enfrentava outros problemas de saúde, dentre eles, a depressão. Faleceu em 19 de outubro de 1999, aos 79 anos, legando à posteridade uma obra vasta, caracterizada pela racionalidade, metapoesia e crítica social, registrando os espaços pernambucanos – o sertão, agreste, zona da mata e litoral (Recife).

A visão dos retirantes fugitivos da seca, dos trabalhadores nos canaviais, dos miseráveis habitantes dos manguezais, ao longo do Rio Capibaribe, o contraste entre os casarões e os mocambos (palafitas construídas dentro da lama), constituíram-se em imagens e fatos para a constituição poética, crítico-social-ambiental, do espaço nordestino. E esse sujeito de que fala a AD, afetado pela ideologia e pelo inconsciente, inscrito numa formação discursiva, “conjunto de saberes que determinam o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 160), constituiu seu discurso poético. Um ponto de vista sócio-histórico sobre a realidade de Pernambuco (com ênfase na zona litorânea, a capital), a partir da linguagem. Pensando nesta relação sociedade/poesia, em especial a relação cidade-rio-seres², ele escreveu o discurso poético *Pregão Turístico do Recife*. Como afirma Compagnon (2012, p.31) “exercício de reflexão e experiência de escrita, a literatura responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”. Partilhando desta visão, compreende-se o texto literário como materialidade, como realização no plano da língua, da relação do homem com o mundo, em seus efeitos de sentido.

Pregão Turístico do Recife, discurso literário cabralino, foi dedicado a Otto Lara Resende e faz parte do livro *Duas Águas (Poemas Reunidos)*, publicado em 1956. Esse discurso apresenta um olhar para as transformações urbanas do Recife. Na década de 50 a cidade passava por mudanças resultantes do processo de industrialização, e o efeito do progresso industrial, capitalista, impulsionava mudanças “às relações de poder e hierarquia que, a seu ver, afligem todos os tipos de sociedades, sejam elas capitalistas ou socialistas de planejamento central” (GARRARD, 2006, p. 51). Mudanças associadas à dinâmica das migrações em função da urbanização crescente e da nova tessitura das vias de circulação nacionais. Naquela época, a cidade se tornaria um local propício para inúmeros conflitos urbano-sociais-ambientais – um espaço geográfico de belezas naturais, contrastando com o

² A cidade do Recife, o rio Capibaribe e a população marginalizada.
Rile – Revista Interdisciplinar

processo inicial de estagnação urbana, degradação ambiental e crescimento da miséria social. Nesse contexto, as identidades de *cidade da miséria*, *cidade degradada*, que já era propalada nos anos 30, se tornou enfática nos anos 50, em virtude, principalmente da associação entre miséria, degradação e atraso regional³.

E nesse espaço de oposições, o sujeito poético inicia uma descrição das belezas de uma das capitais (na época) mais visitadas por turistas no Brasil. Apregoando, o sujeito poético expõe duas imagens da cidade, imagens contraditórias. Num primeiro momento, esse discurso-poético valoriza na cidade a sua exterioridade (fragmento abaixo) – os arrecifes, as atividades, os sobrados, o mangue, o rio... Apresenta o complexo físico-natural do Recife (os arrecifes), e as atividades econômicas que se disseminaram nesse espaço, os assentamentos que se expandiram em virtude das condições propícias às atividades mercantis e portuárias, ofertadas pela situação hidrográfica da cidade (entre o mar e os rios) e o Capibaribe, elemento físico inseparável da paisagem do Recife e da obra cabralina. E essa exterioridade não se dá como simples descrição, ela é a metáfora das condições de vida deste espaço urbano: a cidade do Recife, sumariada, poeticamente/espacialmente pelo rio, elemento natural da paisagem recifense.

Na década anterior (1940), outro sujeito-poético, Gilberto Freyre, já discorria sobre a importância do Capibaribe em sua famosa obra *Guia Prático, Histórico e Sentimental do Recife* (1942). Para ele, o rio mantém uma íntima relação com a história e a geografia da cidade. E, inserido na mesma formação discursiva freireana, o sujeito poético João Cabral de Melo Neto, atesta tal intimidade, através dos versos abaixo:

Aqui o mar é uma montanha
regular redonda e azul,
mais alta que os arrecifes
e os mangues rasos do sul.

Do mar podeis extrair,
do mar deste litoral,
um fio de luz precisa,
matemática ou metal.

Na cidade propriamente
velhos sobrados esguios
apertam ombros calcários

³ PONTUAL, Virgínia. Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas. Rev. bras. Hist. vol.21 no. 42. São Paulo 2001.

de cada lado do rio⁴. [...] (MELO NETO, 1956, p.27).

A beleza natural, destacada nas estrofes, acima – a confluência entre mar e rio, os arrecifes, os mangues, a exploração dos recursos naturais e a ocupação, ao longo do rio, representou a realidade que inspirou inúmeros sujeitos-poéticos, ao longo dos séculos. Bento Teixeira, no século XVII, foi o primeiro. Nos séculos seguintes, Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Manuel Bandeira, Carlos Pena Filho, João Cabral. Nos mecanismos discursivos cabralino, o rio, o mar e os mangues, ambientes aquáticos recifenses, estão presentes e produzem sentidos que remetem às outras memórias discursivas da cidade: poéticas (BANDEIRA), científicas (CASTRO) e musicais (SCIENCE). Abaixo, respectivamente, alguns fragmentos desses discursos – o literário, o científico e o musical – que trazem a temática da natureza e miséria social, no espaço híbrido recifense:

[...]
Do lado de lá era o cais da Rua da Aurora
... onde se ia pescar escondido
Capiberibe
Capibaribe [...] (BANDEIRA, 0000)

[...] assim vai o Recife crescendo com uma grande população marginal que vegeta nos seus mangues em habitações miseráveis do tipo dos mocambos. É que o Recife — a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos — das choças, dos casebres [...] (CASTRO, 1948, p. 73-4).

Recife cidade do mangue
Incrustada na lama dos manguezais
Onde estão os homens caranguejos [...] (Chico Science, *Antene-se* 1996)⁵.

Tomando o rio como referência, os discursos poético/científico/musicais, através da memória discursiva, discursos já existentes ditos em outro lugar em outro tempo (PÊCHEUX, 1999), ressignificam dizeres, trazem outros sentidos. Em Bandeira traz efeitos de sentido

⁴ Rio Capibaribe: O Rio Capibaribe tem em seu nascedouro nos contrafortes da serra do Jacarará, no planalto da Borborema. Segue o roteiro: Jataúba, Duas Barras e segue em direção à planície do Recife através dos municípios de Santa Cruz do Capibaribe, em Toritama, Salgadinho e Limoeiro, como um rio temporário de leito pedregoso. Ingressando na Zona da Mata, passa por Carpina, Paudalho, Tiúma, São Lourenço e outras localidades, recebendo como afluentes 79 rios e outros riachos de menor porte até vir entregar suas águas ao Oceano Atlântico. In: SILVA, Leonardo Dantas. O Recife: quatro séculos de sua paisagem. Recife: Fundaj/Massangana/PCR, 1992.

⁵ <https://www.lettras.mus.br/chico-science/304728/>

lúdicos, brincadeira infantil, o rio como refúgio, sem degradação, propício a uma relação harmônica entre o homem e natureza. Já os discursos de Castro e Science afirmam efeitos de sentidos de sobrevivência humana, relações conflituosas. Nesse ambiente aquático, degradado, espoliado pela ação humana, os homens caranguejos, contraditoriamente, sobrevivem e se tornam elementos da paisagem aquática do Recife. Os sobrados, memória urbanística da colonização portuguesa e da passagem holandesa pela cidade, se destacam na imagem poética, ainda que deteriorados, tal qual o rio (sobre efeitos do tempo e dos usos). Essas construções que marcam a passagem do rio, equilibrando a paisagem da cidade, marcas arquiteturais e discursivas da urbe, tornam a cidade, um espaço singular, uma escrita arquitetônica única.

Neste cenário, de “um certo equilíbrio leve, na escrita da arquitetura” (MELO NETO, 1956, p.27), o equilíbrio da paisagem contrasta com o estado de indigência do rio, que recebe os detritos de inúmeras fontes, tornando-se um grande esgoto, fétido e doentio. Mesmo nesse ambiente desfavorável, inúmeras famílias habitam e retiram do rio o seu sustento (caranguejos, ostras e outros crustáceos). Na lama do mangue, convivem homens e caranguejos, ou somente homens-caranguejo, denominação de Castro (1967) para aqueles habitantes dos mangues, cuja vida é inventariada por Melo Neto, no fragmento abaixo:

E neste rio indigente,
Sangue-lama que circula
Entre cimento e esclerose
Com sua marcha quase nula,

E na gente que se estagna
Nas mucosas deste rio,
Morrendo de apodrecer
Vidas inteiras a fio (MELO NETO, 1956, p.27).

No mangue, a vida brota, o homem se integra a essa paisagem e ali vive, enquanto não morre. A própria lama alimenta as formas de vida desse habitat - primeiro os caranguejos, depois o homem, cujas necessidades vitais humanas “podem ter prioridade em relação ao bem de qualquer outra coisa” (GARRARD, 2006, p. 40), num ciclo de vida e de morte destes indivíduos. “Gente”, alijada do mercado de trabalho, e, sem outra maneira de sobrevivência, ocupa as margens dos rios. A vida neste ambiente natural/urbano revela a falta de recursos e a falta de perspectiva de uma grande parcela da sociedade, que é “atravessada por diferentes divisões e antagonismos sociais” (HALL, 2006, p.17). E essas divisões levam os indivíduos a

condições lastimáveis na urbe recifense: parte integrante desse meio ambiente aquático contribui também, para a degradação do rio. As imagens poéticas retomam outras memórias, a de Josué de Castro (1957), por exemplo, “... Nesta placidez do charco, identificada, unificada no ciclo do caranguejo, a família Silva vai vivendo. Cada elemento da família marcha dentro desse ciclo até o fim, até o dia de sua morte (...)”⁶. Nesse discurso poético cabralino, a cidade impõe-se, sobretudo como um lugar de vida difícil, de limitados sentidos – de miséria e vida breve – face heterotópica do Recife, que exclui o homem - a melhor medida como afirma Melo Neto no fragmento que se segue:

Podeis aprender que o homem
É sempre a melhor medida
Mais: que a medida do homem
Não é a morte, mas a vida. (MELO NETO, 1956, p.27/28).

Esse homem que em contato com a fonte de vida – a água, o rio – estabelecerá uma relação ecológica harmônica – o comensalismo⁷, constituindo então, a possibilidade de vida para ambos: o rio e o humano. Nesse caso, “a melhor medida” seria para ambos. Entretanto, o dizer do sujeito-poético, ao focalizar o Capibaribe, cartão-postal da cidade do Recife, como indigente “sangue e lama”, produz efeito de sentido de denúncia: a miséria urbana e o descaso daqueles que veem apenas as belezas arquitetônicas, as pontes, o rio-mar, a Veneza brasileira, e não veem o Recife, das exclusões ambientais e sociais.

Tais agressões ao rio originam-se das atividades econômicas “sistemas de dominação ou exploração de seres humanos por outros seres humanos” (GARRARD, 2006, p. 47), e do adensamento populacional (o vinhoto das usinas, os detritos das fábricas e das edificações urbanas) juntamente com a miséria daqueles que vivem à margem da sociedade e na margem do Capibaribe. Essas ações desumanizam também a urbe. A cidade desumana, uma das identidades do Recife. A cidade cabralina não é a cidade “real”, pois, como afirma Calvino (1990), não se deve confundir uma cidade com o discurso sobre ela. Mas, a partir da relação que existe entre a cidade “real” e a discursiva, há uma aproximação entre o “real” e o discurso sobre este, em Melo Neto.

A cidade, este espaço “ainda não foi inteiramente dessacralizado” com previu Foucault (2006, p.213), mas, a cidade representada pelo sujeito poético não é a Veneza Brasileira,

⁶ CASTRO, Josué. Documentos do Nordeste. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957. p.106.

⁷ Uma relação ecológica que ocorre entre indivíduos de espécies diferentes, na qual um deles é beneficiado e o outro não se beneficia nem é prejudicado pela relação.

turística, nem tampouco, a cidade caótica, como aquelas representadas no pós-modernismo. A cidade se apresenta como espaço de tensão, que exige ação, transformação, desconstrução e reconstrução, um espaço enigmático que exige decifração, não necessariamente a exaltação ou condenação.

O sujeito poético mostra-se atento a duplicidades das cidades, e é no Recife onde ele pode distinguir uma cidade (utópico-turística) do seu avesso (a cidade real/das contradições), uma cidade que se sobrepõe a outra: a utópica que apaga de sua paisagem as contradições e outra, a poética (mais próxima da real) que denuncia a indigência em que vivem os sujeitos colocados à margem do desenvolvimento urbano, sujeitos que são silenciados, apagados da paisagem turística, da cidade ideal. Mas como o sentido, sempre pode ser outro, conforme Pêcheux (2006), a cidade turística seja a real, pois é a partir dela que o poder público organiza o espaço que lhe convém. A “clara distinção entre as forças da cultura e da natureza” (GARRARD, 2006, p. 89). No entanto, como bem observa o poeta,

esta cidade
que vim encontrar sob o Recife
daquela cidade anfíbia
que existe por debaixo
do Recife contado em Guias.
(MELO NETO, 1986. O Rio Ou a relação da viagem que faz o Capibaribe
de sua nascente a cidade do Recife).

Esse discurso poético “[...] um instrumento poderoso para ensinar o pensamento sistêmico” (CAPRA, 2008, p. 24-5), constrói sentidos que traduzem identidades ambientais e sociais, produtos de uma ação criadora que problematiza o real. Nessa perspectiva, a representação ambiental e social passa necessariamente do imaginário individual para o coletivo, local propício para a recriação de outra cidade e/ou de outras identidades que se opõem à cidade utópica do discurso gonçalvino (século XIX)⁸ e de seus predecessores da primeira metade do século XX – e à identidade *Veneza Brasileira*. Hoje, no século XXI, cada vez mais degradado, o Rio Capibaribe, os poucos caranguejos e homens-caranguejos, resistem. A natureza luta para sobreviver, mas o embate é desigual.

⁸ Gonçalves Dias (1823-1864), que escreveu estes seguintes versos dentro do romantismo ufanista do século 19: “Salve, terra formosa, oh! Pernambuco,/Veneza americana transportada,/Boiante sobre as águas!/Amigo gênio te formou na Europa,/Gênio melhor te despertou sorrindo/À sombra dos coqueirais”. Uma visão ufanista, comparando, para melhor, Recife à Veneza. Os rios, as ilhas, (a natureza); as pontes e o casario da época, (a arquitetura), lembravam Veneza. A cidade degradou-se, mas o título, do ponto de vista turístico, ainda sobrevive.

Quem sabe, como assevera Garrard (2006, p. 149), o discurso literário, e não apenas o discurso ambientalista, seja “capaz de eletrizar os militantes, converter os indecisos e, quem sabe, em última instância, influenciar governos e a política comercial” para salvar o principal manancial hídrico de Recife. Revitalizar o Capibaribe, revitalizar a natureza que foi sustentáculo da sociedade recifense, por séculos. E até hoje, emoldura a cidade. Caso não seja possível sensibilizar o poder público, que literatura, seja o diálogo reflexivo que sensibiliza, conscientiza os leitores, moradores da cidade.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No dizer poético de João Cabral de Melo Neto apresentam-se efeitos de sentidos de conflitos sociais e degenerescência humana, oposição entre a cidade “real” e a cidade ideal da mídia. O rio Capibaribe, a principal marca identitária da urbe, personifica o Recife, sua estagnação é a estagnação dessa cidade. Esse rio, paisagem utópica na mídia, é no discurso poético, o principal espaço heterotópico – habitação do bicho (caranguejo) e do bicho-homem (sujeito excluído da cidade). Duas cidades: uma ideal, visível no dizer turístico, cujo ambiente natural, o rio, ainda está vivo, cartão postal que emoldura a cidade. A outra, “real” visível aos olhos dos excluídos e invisível aos olhos da mídia, onde o rio agoniza, “sangue e lama”, junto com aqueles que dele depende, para sobreviver. A realidade urbana apresentada circunscreve determinados efeitos identitários: cidade ambientalmente degradada, cidade de exclusão social.

As discussões acima revelaram possibilidades de entrelaçamento entre áreas do conhecimento (linguística – AD, literatura e ecocrítica, nesse estudo), mas há outros arranjos, possibilidades para, dessa forma, ampliar a capacidade de mobilização da sociedade em relação ao meio ambiente. E a literatura, enquanto um saber relevante, na sociedade, pode contribuir no sentido de construir novas mentalidades. Para Yunes e Ponde (1998): "Um dos papéis da arte na vida social é a formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo." (p.10).

Nesse aspecto, a Literatura, enquanto detentora de uma função social, pode participar da construção desse novo homem: mais consciente e partícipe dos destinos do planeta. Cândido (2000) afirma que a literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio específico de comunicação e a linguagem é criação social. Considere-se então, o literário, como elemento fundamental para a formação do sujeito ambientalmente consciente, aquele que compreende o valor da participação na mudança, e a necessidade da reconstrução dos valores.

REFERÊNCIAS

- CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: T.A. Queirós, 2000.
- CAPRA, Fritjof. Educação. In: TRIGUEIRO, André. (Coord.). **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 19-33.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo, Editora Cortez, 2012. (Coleção Docência em Formação).
- CASTRO, Josué de. **Perspectiva Ideal da Cidade do Recife** In: Boletim da Cidade e do Porto do Recife: Recife, nº 19-34. Jan-dez/1946-1949, p. 53.
- _____. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- _____. **Documentário do Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- BANDEIRA, Manuel. **As Cidades e as Musas**. (Org: Antonio Carlos Secchin) Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.
- BARCELOS, Valdo Hermes. **O ensaio Ecologia e Literatura**: a contribuição de Octavio Paz à ecologia global e à Educação Ambiental. Revista contrapontos. v. 3, n. 1 (2003).
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. São Paulo : Global, 2007.
- GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora da UNB, 2006.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207p.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999, p. 105-116.
- _____. **Duas Águas** (Poemas Reunidos). Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- _____. **Poesias Completas 1940-1965**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- PAZ, Otávio. **O Arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Orlandi. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Unicamp, 1997.
- _____. **Metáfora e interdiscurso**. Em: PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*: Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Pontes, 1999.
- PONTUAL, Virgínia. **Tempos do Recife: representações culturais e configurações urbanas**. Rev. bras. Hist. vol.21 no. 42. São Paulo 2001.
- SILVA, Leonardo Dantas. **O Recife: quatro séculos de sua paisagem**. Recife: Fundaj/Massangana/PCR, 1992.
- VASCONCELOS, Selma. **João Cabral de Melo Neto: retrato falado do poeta**. Editora do autor, 2009.